

Recebido em: 03/11/2021  
Aprovado em: 03/03/2022  
Publicado em: 03/05/2022

**A VERDADE AINDA É RELEVANTE PARA NÓS?**  
**algumas consideração sobre a verdade e a política em Hannah Arendt**

**IS THE TRUTH STILL RELEVANT TO US?**  
**some consideration of truth and politics in Hannah Arendt**

Indi Nara Corrêa<sup>1</sup>  
([indi.fernandes13@gmail.com](mailto:indi.fernandes13@gmail.com))

---

**Resumo:** A crítica de Hannah Arendt à relação entre *verdade racional* e *política* é bastante conhecida. Em suma, a sua divergência com o tradicional pensamento político, sobretudo com Platão, diz respeito ao caráter despótico do conceito de verdade, e como ele pode ser controverso se levarmos em conta a política e os assuntos humanos. Apesar disso, Arendt publicou em 1967 um artigo intitulado *Verdade e política*, onde defendeu a relevância em preservar a verdade concernente aos fatos: uma categoria essencial para o âmbito público. Admitindo juntamente com Richard Bernstein a atualidade do pensamento arendtiano, o objetivo desse artigo é discutir, primeiramente, a diferença entre a *verdade racional* e a *verdade fatural*; em seguida, trabalharemos a oposição entre *verdade* e *opinião*; e, por fim, nossa intenção é discutir essas categorias à luz da nossa experiência política mais recente, a saber: o fenômeno das *fake news* e a pandemia de *COVID-19*.

**Palavras-chave:** Hannah Arendt. Política. Verdade. Opinião. *Fake news*.

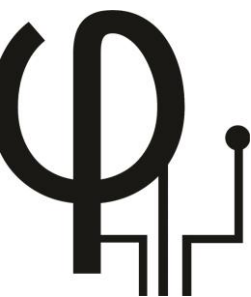
**Abstract:** Hannah Arendt's critique of the relationship between *rational truth* and *politics* is well known. In short, her divergence from traditional political thought, especially with Plato, concerns the despotic character of the concept of truth, and how controversial it can be if we take politics and human affairs into account. Nevertheless, Arendt published in 1967 an article entitled *Truth and Politics*, where she defended the relevance of preserving the truth concerning facts: an essential category for the public sphere. Admitting together with Richard Bernstein the relevance of Arendtian thought, the aim of this article is to discuss, firstly, the difference between *rational truth* and *factual truth*; then, we will work on the opposition between *truth* and *opinion*; and, finally, our intention is to discuss these categories in the light of our most recent political experience, namely: the phenomenon of *fake news* and the *COVID-19* pandemic.

**Keywords:** Hannah Arendt. Politics. Truth. Opinion. *Fake news*.

---

---

<sup>1</sup> Mestranda em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília – UnB. Graduada em Filosofia pela mesma instituição.  
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7874874743895294>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6542-8495>.

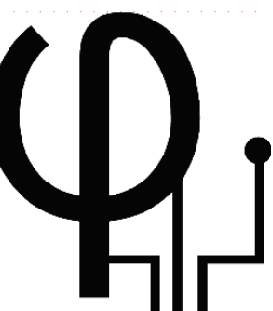


## INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, o mundo adentrou novamente em “tempos sombrios”. Não que ele um dia tivesse saído das sombras para a luz (não sejamos ingênuos, ainda ouvimos falar em genocídios, destruição em massa, crimes ambientais que a cada dia colocam em risco o futuro da humanidade). Porém, o que estamos vivendo nos dias de hoje, devido à pandemia de *COVID-19*, é realmente inédito, com impactos por todo o globo e nos diversos setores da vida, sejam eles sociais, culturais, econômicos, ambientais e, sobretudo, políticos. As novas experiências, resultantes da crise pandêmica mundial, vêm desafiando a convivência e o relacionamento social dos indivíduos entre eles mesmos e, também, com o mundo; por consequência, surgem diversas questões inéditas para o plano teórico e prático, assim como retomam discussões importantes para a Filosofia e para a Política.

A imposição necessária do isolamento por parte dos governos, a título de exemplo, por si só já configura um tema importante a ser debatido no campo da política se levarmos em conta o conceito arendtiano de política, o qual tem como condição básica a noção de pluralidade, isto é, a relação que os indivíduos estabelecem entre si para conviverem em um mundo compartilhado. Mas os indivíduos, como bem pontuou Hannah Arendt (2015, p. 11), são seres condicionados e foram se adaptando às circunstâncias que foram aparecendo; o âmbito público foi sendo transformado com o auxílio das tecnologias – a ação política, o debate e as tomadas de decisão são feitas agora na sala de casa ou no quarto, através de um computador com acesso à internet. A flexibilização da diferença entre público e privado, tão característica da era moderna, a que Arendt chama atenção em *A condição humana*, nunca esteve tão evidente como nos dias de hoje, e falar em era digital nunca fez tanto sentido. Qualquer indivíduo que possui um computador com acesso à internet realmente não precisa mais sair de casa, estará isolado e, paradoxalmente, conectado com o mundo inteiro.

Contudo, outro fenômeno, relacionado às tecnologias, vem chamando atenção da comunidade científica nos últimos tempos e ganhou ainda mais força com a pandemia de *COVID-19*. Vínhamos acompanhando em todo o globo, desde a ascensão das redes sociais, como *WhatsApp*, *Facebook* e *Twitter*, o aumento da ocorrência das assim chamadas *fake news*, principalmente no que diz respeito à manipulação política das massas. Na política internacional, as *fake news* tiveram grande recorrência com a campanha eleitoral de Donald Trump, que foi acompanhada de um crescente discurso de ódio por parte da extrema-direita, que utilizou, por sua vez, as plataformas digitais para disseminar informações falsas, notícias distorcidas ou meias verdades, com o objetivo de depreciar grupos oprimidos, como



negros, judeus, LGBTQIA+, ou atingir politicamente grupos de oposição. No Brasil, pudemos acompanhar a crescente onda de *fake news* principalmente nas eleições de 2018, onde o antipetismo ficou mais fervoroso com a manifestação de grupos conservadores que diziam ser contra a corrupção. Pesquisas mostram<sup>2</sup> que a maior parte das *fake news* nas eleições de 2018 surgiu de apoiadores do candidato da extrema-direita, que as utilizavam principalmente para disseminar mentiras contra os afiliados ao Partido dos Trabalhadores, principal opositor naquela eleição. Em 2020, por consequência, com o surto pandêmico de *COVID-19*, a utilização das *fake news* como ferramenta política já estava praticamente consolidada no Brasil, e as mentiras acerca do vírus, da transmissão, da origem, do seu combate e das vacinas se espelharam rapidamente por toda a rede.

O mais desconcertante é que as mentiras que foram espalhadas sobre a *COVID-19* não partiram apenas de grupos nas redes sociais. Muitos políticos, que deveriam atuar no combate ao vírus, ajudaram a espalhar, inclusive em fontes oficiais, notícias falsas que iam contra os fatos coletados pela comunidade científica mundial. Não entraremos em detalhes acerca do conteúdo específico para não nos estendermos demasiadamente, mas é importante que tenhamos em mente que as notícias falsas espalhadas sobre o vírus – como, por exemplo, que as vacinas não são seguras, que o uso da máscara e o isolamento social não são eficazes, ou que o vírus pode ser combatido a partir de tratamentos precoces que não foram aprovados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) – colaboram na dificuldade em combatê-lo.

O que gostaríamos de frisar diz respeito, sobretudo, ao modo de atuação dos agentes que ajudaram na disseminação das *fake news* sobre a *COVID-19*. Muitos deles não satisfeitos em apenas proferir mentiras, buscaram divulgar estudos não-científicos, mas que se apresentavam ao público como *verdades* e até mesmo transvestidas de cientificidade. Apesar disso, ao serem confrontados com pesquisas de cunho acadêmico, que se valeram de dados fidedignos e que são aprovados pela comunidade científica mundial, esses agentes políticos mudavam o discurso. Suas mentiras e as falsificações dos fatos e eventos, travestidos de *verdades*, quando confrontadas, eram defendidas como mera “*opinião*”.

---

<sup>2</sup> A pesquisadora Tatiana Dourado apresentou a tese *Fake news na eleição presidencial de 2018 no Brasil* para obtenção de título de doutora em comunicação pela UFBA com as principais pesquisas quantitativas e qualitativas sobre a influência das *fake news* nas eleições de 2018. São mais de 300 páginas com análise minuciosa acerca do fenômeno das *fake news* no cenário político brasileiro. Marco Antônio Alves, Professor Adjunto de Teoria e Filosofia do Direito na UFMG e Emanuella Maciel, Pesquisadora do Grupo SIGA – Sociedade da Informação e Governo Algorítmico (UFMG) publicaram um artigo na revista *Internet e sociedade* sob o título *O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto*, onde apresenta um panorama acerca do fenômeno das *fake news* no Brasil.

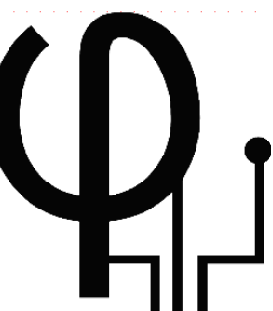
Esses agentes da mendacidade se escondem sob o bordão da liberdade de expressão, ao seu direito de proferir opiniões. Mas quando foi que a falsificação de *verdades* se transformou em *opiniões*? Ou melhor, quais são os fatores que podem estar relacionados com esse fenômeno? Neste artigo, procuramos lidar com essas questões de um ponto de vista mais amplo: a partir da relação entre *verdade* e *política* perquirida por Hannah Arendt, uma vez que acreditamos, seguindo Richard Bernstein<sup>3</sup>, na atualidade do pensamento dessa autora. Sendo assim, trabalharemos, primeiramente, a diferença que Arendt estabelece entre a *verdade racional* e a *verdade fatural*, a fim de justificar a necessidade de garantia desta última para a excelência da política e a preservação do âmbito público. Em seguida, tentaremos compreender, à luz das preocupações que Arendt expôs em *Verdade e política*, o fenômeno das fake news no contexto da pandemia de *COVID-19*, e como elas possuem o poder de minar o âmbito político, colocando em risco a vida e o bem-estar da população.

## 1 A DIFERENÇA ENTRE A VERDADE RACIONAL E A VERDADE FATUAL

O conceito de *verdade*, tal como desenvolvido pela tradição do pensamento filosófico, a começar por Platão, sempre dispôs, segundo Hannah Arendt (2016b, p. 298), de um caráter despótico. Nesse sentido, a autora, no decorrer de seu percurso intelectual, constantemente se posicionou de forma crítica a esta tradição tão logo ela se voltasse para o âmbito público, uma vez que o caráter despótico e coercitivo da verdade cerceia o discurso, ou melhor, impede que ele aconteça; e o discurso, é um dos fundamentos básicos de toda a vida política. Em seus textos da década de 50, Arendt procurou discutir a oposição entre *verdade* e *opinião*, inclusive investigando e expondo as distinções entre Sócrates e Platão<sup>4</sup>. Ainda assim, em 1967, em

<sup>3</sup> Em 2018, Richard Bernstein – filósofo, professor e um dos maiores pesquisadores da atualidade a investigar a vida e o pensamento político-filosófico de Hannah Arendt – publicou a obra *Why read Hannah Arendt now?*, um pequeno e pujante livro que evidencia a relevância do pensamento arendtiano para a nossa atualidade. Dois anos depois, o livro de Bernstein foi traduzido para o português (primeira obra do filósofo a ser traduzida para o nosso idioma) pelos pesquisadores Adriano Correia e Nádía Junqueira Ribeiro, seu lançamento ocorreu em meio à pandemia do novo coronavírus que se alastrou por todo o globo. Um dos capítulos do livro é referente a obra *Verdade e política*, e nos auxiliou bastante no desenvolvimento deste artigo.

<sup>4</sup> Em linhas gerais, a diferença entre Sócrates e Platão é evidente principalmente se levarmos em conta os conceitos de *maiêutica* e *dialética*. Para Arendt, a maiêutica socrática e a dialética platônica deixam de ser análogas a partir do momento em que Platão utiliza a dialética como um processo que tem como fim a apreensão do bem a partir do antagonismo entre verdade e opinião. A pretensão em tornar o filósofo o governante da cidade faz com que Platão menospreze a opinião (*doxa*) como um dos fundamentos básicos de toda a vida política, pois consoante a análise arendtiana, a definição de opinião (*doxa*) possui dois significados complementares: opinião e fama. Como opinião, a *doxa* pode ser entendida como “a formulação em discurso de *dokei moi*, ou seja, ‘aquilo que me parece’” (ARENDR, 2016a, p. 55). Assim, ela era a



resposta às críticas e ao debate em torno de seu *Eichmann em Jerusalém*, Arendt publica *Verdade e política*, defendendo avidamente, dentre outras coisas, a preservação da *verdade*. Antes de ser acusada de estar sendo incoerente com o seu próprio pensamento, crítica que jamais a incomodaria, ela inicia seu escrito marcando a diferença entre o conceito de *verdade racional* e de *verdade fatural*. É, especialmente, deste último conceito que a autora sai em defesa.

Assim, a autora principia seu texto *Verdade e política* de forma sucinta afirmando que no que tange à *verdade*, a questão será abordada tendo em vista a distinção entre *verdade racional* (teoremas, axiomas, proposições filosóficas) e a *verdade fatural*, que diz respeito, como sugere a expressão, aos fatos e eventos que constituem “a verdadeira textura do domínio político” (ARENDR, 2016b, p. 287). De acordo com ela, a relação de tensão entre *verdade* e *política* sempre foi pensada levando em consideração a *verdade racional* e não a *verdade fatural*, embora essa seja a que possui maior relevância para o domínio político, visto que “nenhuma permanência, nenhuma perseverança da existência podem ser concebidas sem homens decididos a testemunhar aquilo que é e que lhes aparece porque é” (ARENDR, 2016b, p. 285). Por conseguinte, Arendt marca a primeira diferença entre a *verdade racional* e a *verdade fatural* apontando que ambas possuem como antagonistas categorias distintas.

Vejamos como ela aborda a questão:

O contrário de uma asserção racionalmente verdadeira é ou erro e ignorância, como nas Ciências, ou ilusão e opinião, como na Filosofia. A falsidade deliberada, a mentira cabal, somente entra em cena no domínio das afirmações fatuais (ARENDR, 2016b, p. 288).

Mas a mentira, de acordo com Arendt (2016b, p. 289), só passa a ser uma grande ofensa com o surgimento da moralidade puritana, que se origina concomitantemente à ciência organizada e às exigências de uma verdade absoluta e demonstrável. Isto é, até o surgimento da moralidade puritana, “jamais alguém pôs em dúvida que verdade e política não se dão muito bem” (ARENDR, 2016b, p. 282). O que a autora quer evidenciar com esta referência é o fato de a mentira, até meados da era moderna, nunca ter sido um grande problema para o âmbito dos assuntos humanos ou algo de relevante preocupação para os indivíduos, seja porque ela não

---

compreensão de que o mundo apesar de sempre se manifestar de forma objetiva para todos os seres humanos, ele pode ser interpretado de várias formas, pois as relações que os indivíduos estabelecem com ele são distintas, complexas e circunstanciais. Além disso, a definição de doxa como análoga à fama se refere exatamente ao seu caráter político, ao fato de o indivíduo abandonar a esfera privativa para ouvir e ser ouvido pelos seus iguais na esfera pública, isto é, “afirmar a própria opinião fazia parte de ser capaz de mostrar-se, ser visto e ouvido pelos demais” (ARENDR, 2016a, p. 56). Em resumo, a doxa para Sócrates e aqueles que habitavam a polis nada mais era que o exercício elementar da vida pública; poder emitir uma opinião e discursar sobre ela era a própria essência de toda a atividade política.

tinha a pretensão de iludir uma massa de pessoas ou por não ter a intensão de transformar por completo a realidade.

É importante que tenhamos em mente que para Arendt a relação entre *verdade* e *política* surge a partir da oposição entre dois modos de vida: a vida do filósofo e a vida do cidadão. Portanto, entre a *verdade racional* (a *verdade filosófica*), que se opõe à *opinião*, e a *política*, que tem como fundamento a própria *opinião*, o discurso e a persuasão: “o filósofo opõe a verdade racional sobre o que é eterno às opiniões constantemente em mudança dos cidadãos sobre os assuntos humanos, a partir da qual podem ser derivados princípios que estabilizariam os assuntos humanos” (BERNSTEIN, 2021, p. 85). Todavia, esta oposição entre a *verdade filosófica* e a *opinião política*, que pode ser observada em Platão, deflagrou um obscurecimento da função da *opinião* no âmbito público.

Para Arendt, a definição de *opinião* (*doxa*) se refere, sobretudo, ao seu caráter político, ao fato de o indivíduo abandonar a esfera privativa da família para ouvir e ser ouvido pelos seus iguais na esfera pública, isto é, “afirmar a própria opinião fazia parte de ser capaz de mostrar-se, ser visto e ouvido pelos demais” (ARENDRT, 2016a, p. 56). A *opinião*, consoante o pensamento arendtiano, portanto, não se refere a um tipo de convicção que o indivíduo afirma na privacidade, ela é concernente às relações intersubjetivas que são estabelecidas na esfera pública. Nesses termos, a *opinião* é uma atitude, ou melhor, uma forma de se posicionar diante dos outros em um mundo compartilhado.

Como nos mostra Richard Bernstein:

[...] contra a tradição dos filósofos de depreciar opiniões, Arendt celebra o conflito de opiniões como o que constitui a vida e a dignidade da política. Quando Arendt fala em opiniões, ela não se refere àquilo que é medido por pesquisas de opinião pública. Indivíduos não “têm” opiniões apenas; eles *formam* opiniões no e por meio do espaço público. [...] A formação de opinião não é uma atividade privada realizada por indivíduos em isolamento (BERNSTEIN, 2021, p. 87).

Contudo, esse antagonismo entre *verdade* e *política*, na forma como Platão e Hobbes o encararam<sup>5</sup>, não se sustentou de forma excessiva. Arendt afirma que mesmo permanecendo certos sinais de antagonismo entre essas duas categorias, percebe-se com alguns filósofos certa flexibilidade no que concerne à *verdade* e à *opinião*. Em Lessing, por exemplo, a autora encontra uma despreocupação com a verdade; não no sentido de ela não ser importante, mas no

<sup>5</sup> Tanto em *A condição humana* como em *Verdade e Política*, Arendt aponta, principalmente, para Platão e Hobbes quando quer marcar a tensão entre filosofia (como representante da verdade racional) e política.

sentido de o discurso e a relação com o outro serem de maior relevância para a vida plural dos indivíduos<sup>6</sup>. Já em Kant, a autora percebe uma autoconsciência de que “a razão é levada a reconhecer suas próprias limitações” (ARENDR, 2016b, p. 290) e, por isso, necessita da comunicação, isto é, necessita que uma pluralidade de indivíduos ateste os seus resultados, a sua veracidade e a sua realidade. Arendt adota uma linha de investigação semelhante em *A condição humana* ao criticar o *cogito* cartesiano<sup>7</sup>. Para ela, o mundo e a realidade não são comprovados mediante um processo subjetivo de conhecimento; ao contrário, a realidade é atestada em razão de ser compartilhada por muitos.

Levando em conta sua atualidade, Arendt afirma que mesmo podendo ter desaparecido, ao menos em alguns pensadores ilustres, a antiga oposição entre a *verdade racional* e a *política*, a tensão entre a *verdade fatural* e a *opinião* parece ter herdado algumas similitudes desse antigo antagonismo. A princípio, o que a autora evidencia é a relação que os indivíduos passaram a estabelecer com essas duas categorias. Por um lado, se vê um crescente aumento de tolerância no que diz respeito às opiniões acerca de vários assuntos conflitantes ou não; mas, por outro lado, quando uma *verdade fatural* surge contestando algo que é do interesse de algum grupo, ela é recebida, nas palavras de Arendt, com uma maior hostilidade; indo além, “na medida em que verdades fatuais inoportunas são toleradas nos países livres, amiúde elas são, de modo consciente ou inconsciente, transformadas em opiniões” (ARENDR, 2016b, p. 293). A linha de distinção entre a *verdade fatural* e a *opinião* se torna obscura, quando não é extinta.

Tendo isso em vista, Arendt chama atenção a que, concomitante ao desaparecimento da linha que separa *verdade* e *opinião*, não apenas a tensão entre a vida do filósofo e do cidadão está em evidência – o que está em jogo é a própria realidade fatural e comum a ambos (filósofo e cidadão). É certo que a *verdade fatural* – assim como a *verdade racional*, embora muito menos propensa a discussões, por lidar justamente com fatos e eventos históricos – é também contraposta à *opinião*. A diferença consiste em que a *verdade fatural* não é uma verdade alcançada pelo espírito. Não é uma verdade encontrada no mundo das ideias. A *verdade fatural*, ao contrário da *verdade filosófica*, está no mundo, nas relações humanas, nos registros históricos que foram documentados a partir das experiências sensoriais de muitos indivíduos.

A autora parece compreender que a *verdade filosófica*, por estar relacionada ao mundo das ideias e não ao mundo dos seres humanos, quando é submetida às relações humanas e

<sup>6</sup> Ver em *Sobre a humanidade em tempos sombrios: reflexões sobre Lessing* – discurso proferido por ocasião do recebimento do prêmio Lessing. O artigo foi publicado posteriormente na obra *Homens em tempos Sombrios*.

<sup>7</sup> Sobre a crítica de Arendt a Descartes, conferir o último capítulo de *A condição Humana*, intitulado: *A vita activa e a era moderna*.

mundanas se torna *opinião*, porque deixou o mundo solitário das ideias e adentrou o mundo das relações intersubjetivas dos indivíduos. Contudo, a *verdade fatural* não está relacionada ao mundo das ideias. Seu domínio é precisamente o mundo intersubjetivo e plural, pois diz respeito aos eventos e aos fatos que são compartilhados no mundo comum. Ela não se dá na solidão, mas nas relações de entendimento mútuo. A essência da *verdade fatural*, portanto, é política, pois só pode ser desenvolvida a partir da comunicação e da experiência de muitos. Portanto, embora opinião e fatos sejam distintos, ambos fazem parte do mesmo domínio: o domínio público.

Nas palavras de Arendt:

Fatos informam opiniões, e as opiniões, inspiradas por diferentes interesses e paixões, podem diferir amplamente e ainda serem legítimas no que respeita à sua verdade fatural. *A liberdade de opinião é uma farsa, a não ser que a informação fatural seja garantida e que os próprios fatos não sejam questionados.* Em outras palavras, a verdade fatural informa o pensamento político, exatamente como a verdade racional informa a especulação filosófica (ARENDDT, 2016b, *grifo meu*, p. 295).

Decerto, toda *verdade*, seja ela racional ou fatural, é em si mesma oposta à *opinião*, pois carrega um elemento coercitivo; ao contrário da opinião que possui um elemento persuasivo. Assim, a *verdade fatural* está além da reunião e do acordo de vários. O fato existe independentemente de um grupo concordar ou não com ele, de ter uma opinião ou não sobre sua ocorrência. Nesses termos, a *verdade* sempre possui, como dissemos antes, um caráter despótico. A *verdade fatural*, tal como a *verdade racional*, exclui a possibilidade de discurso, de debate, que é o fundamento do âmbito público e da política. Assim, o elemento despótico e tirânico da verdade diz respeito precisamente à exclusão do discurso e das opiniões alheias à verdade em si. O que fica evidenciado em *Verdade e política* é o caráter representativo da vida política, o qual não faz parte das condições de existência das categorias de *verdade*. Arendt caracteriza esse elemento representativo da vida política a partir, principalmente, do conceito kantiano de *mentalidade alargada*, o qual ela já havia resgatado em textos que tratam, sobretudo, do conceito de *juízo*<sup>8</sup>. Em linhas gerais, o caráter representativo da vida

<sup>8</sup> Resumidamente, em *Lições sobre a filosofia política de Kant*, Arendt entende que a *mentalidade alargada* diz respeito à forma como o pensamento pode se transformar em pensamento crítico quando é posto em contato com outros tipos de pensamento. É colocar de lado interesses próprios e considerar o interesse do outro. E quanto mais se consegue alcançar um número maior de considerações, mais geral e, portanto, crítico será o pensamento: “é um ponto de vista a partir do qual consideramos, observamos, formamos juízos, ou, como diz Kant, refletimos sobre os assuntos humanos” (ARENDDT, 1993, p. 58). A forma pela qual Arendt concebe a ideia de *opinião*, como vínhamos mostrando, não é muito diferente: a opinião, apesar de individual, só tem significado político quando é discutida por muitos na esfera pública.

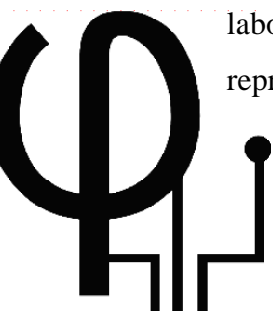


política tem a ver, portanto, com a necessidade de levar em conta o maior número de pensamentos e opiniões, pois quanto maior for a diversidade alcançada, maior será a representação política.

## 2 A VERDADE E A MENTIRA NÃO SÃO OPINIÕES

Em *verdade e política*, outro ponto importante a que Arendt chamou atenção (2016b, p. 300) foi para o caráter contingente da *verdade fatural*: elas são o que são, mas poderiam ser de outra forma, no entanto, não possuem razão conclusiva que as justifique. Isto é, os assuntos humanos, que são o ambiente fundamental das *verdades fatais*, são constituídos por uma sequência de eventos que poderiam ser de outra forma, mas não o são, e não possuem uma justificativa indubitável, fundada em alguma causalidade, que a qualifique como tal. Em sua obra *Origens do totalitarismo*, a título de exemplo, Arendt é bastante enfática ao afirmar que suas considerações sobre o surgimento dos regimes totalitários e das sociedades totalitárias não podem ser compreendidas dentro de uma perspectiva de causalidade. Digo, não podemos afirmar com inquestionável certeza que o nazismo não teria existido se as circunstâncias que o precederam tivessem sido outras. O que se pode compreender, analisar e afirmar são as sequências de fatos e eventos que precederam e sucederam o nazismo, mas não se pode, contudo, justificá-lo ou dizer que ele não teria existido caso os fatos fossem outros.

Isso significa que a *verdade fatural*, assim como a *opinião*, não possui uma evidência em si mesma. Ou seja, fatos e eventos dependem de pessoas que os atestem, registros ou documentos – o que faz de sua evidência algo que pode ser facilmente contestado. De acordo com a autora (2016b, p. 301), por não possuir essa autoevidência, a *verdade fatural* é, muitas vezes, confundida ou caracterizada como *opinião*. Além do mais, caso não se chegue a um consenso acerca da veracidade do fato, conclama-se uma terceira testemunha para chegar a uma conclusão satisfatória. Esse procedimento é o mesmo que encontramos quando o que está em jogo são as opiniões – “um procedimento inteiramente insatisfatório, visto que não há nada que impeça uma maioria de testemunhas de serem falsas testemunhas” (ARENDR, 2016b, p. 301). Decerto, podemos dizer que a pandemia de *COVID-19* é um evento em ocorrência em todo o globo, por mais que seus resultados e consequências possam ser investigadas dentro de um laboratório científico, as suas implicações sociais, econômicas, ambientais e políticas representam fatos, que estão sendo assistidos e interpretados por todos.

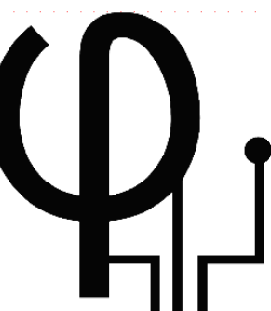


Nesse sentido, como Arendt tenta deixar evidente, as *verdades fatuais* só possuem poder de ação ou implicações políticas quando são acompanhadas de alguma interpretação acerca do fato ou do evento ocorrido. Por outro lado, o seu oposto, a falsidade deliberada, já é em si uma forma de ação com grandes implicações políticas. Indo além, Arendt afirma que “o mentiroso, sem poder para fazer com que sua falsidade convença, não insiste sobre a verdade bíblica de sua asserção, mas pretende ser esta sua ‘opinião’, à qual reclama direito constitucional” (ARENDR, 2016b, p. 309). Em outras palavras, podemos compreender, primeiro, que o indivíduo quando decide falsificar deliberadamente uma verdade fatural ele está agindo, isto é, sua mentira já possui uma implicação política, uma vez que não estamos falando em erro ou equívoco, mas de uma intenção em persuadir um determinado público daquilo que está sendo afirmado. Em segundo lugar, o indivíduo, por não possuir uma forma de comprovação que valide a sua afirmação, opta por se referir a ela não como verdade, mas como opinião. Dessa forma, a mentira passa a ser sustentada não como uma *verdade fatural*, mas como uma opinião.

Assim, consoante a análise arendtiana, o mentiroso – aquele que afirma o que não é –, ao contrário do contador de verdades, é um ator político por natureza, pois independentemente de quais sejam as suas intenções específicas com a sua falsidade deliberada, o seu objetivo primordial é, como afirmou a autora (ARENDR, 2016b, p. 309), “transformar o mundo”, modificar a realidade. A mentira pode ser a determinação em alterar, melhor dizendo, substituir o fato conforme ele é, ou transformar as suas circunstâncias. Em todo caso, o indivíduo que mente está de uma forma ou outra agindo no mundo – tomando uma posição contrária ao espectador, que apenas observa. Obviamente, Arendt não está fazendo um elogio ao mentiroso. Essa ação no mundo não pode ser confundida com o conceito de *ação política*, defendida por Arendt em *A condição humana*, dado que este conceito é dependente de noções como a *pluralidade* e o *discurso*, que só são possíveis quando a *verdade fatural* é preservada. Contudo, essa capacidade de transformar o mundo ou modificar a realidade existente é, para Arendt, uma das maiores comprovações da liberdade individual.

Ela diz:

[...] a capacidade de mentirmos – mas não necessariamente de dizermos a verdade – é dos poucos dados óbvios e demonstráveis que confirmam a liberdade humana. O simples fato de podermos mudar as circunstâncias sob as quais vivemos se deve ao fato de sermos relativamente livres delas, e dessa liberdade é que se abusa, pervertendo-a através da mendacidade (ARENDR, 2016b, p. 310).



Assim, a *verdade fatural* em si mesma não tem a intenção específica de ação, de transformação do mundo. Ela é opaca, ela apenas diz como as coisas são em sua faturalidade e eventualidade, e é por isso que “jamais se incluiu a veracidade entre as virtudes políticas, pois ela de fato pouco contribui para esta transformação do mundo” (ARENDR, 2016b, p. 310). Todavia, quando a mentira organizada toma conta da totalidade do âmbito público e passa a ser a forma predominante de política, “aquele que conta a verdade começou a agir; quer saiba ou não, ele se comprometeu também com os negócios políticos, pois, na improvável eventualidade de que sobreviva, terá dado um primeiro passo para a transformação do mundo” (ARENDR, 2016b, p. 310). Não menos importante, diz Arendt (2016b, p. 311), é o fato de o caráter de contingência da *verdade fatural* fazer com que o contador de verdade esteja sempre em desvantagem se levarmos em conta que o mentiroso em oposição pode falar e moldar os fatos e os eventos da forma que lhe for mais conveniente. A autora também é enfática ao argumentar que a realidade muitas vezes é mais difícil de admitir, principalmente quando influencia negativamente algum aspecto da vida e do cotidiano, algo que já contribui para a falsificação deliberada e a mentira organizada.

A mentira organizada é um fenômeno moderno, diz Arendt (2016b, p. 312). Como toda mentira, ela carrega algum aspecto de violência. Nesse sentido, a autora argumenta que a mentira organizada, não tem como objetivo apenas falsificar um fato ou evento, ou enganar um inimigo, mas aniquilar e destruir totalmente tudo aquilo que ela está negando ou contrariando, “é muito mais fácil eliminar a figura pública da história se, ao mesmo tempo, ela puder ser eliminada do mundo dos vivos” (ARENDR, 2016b, p. 312)<sup>9</sup>. Não menos importante é o fato de que, comparada com as formas tradicionais de mentira na política, a mentira organizada tem como intuito enganar não apenas um inimigo político específico, mas uma massa de pessoas.

Por se tratar de uma mentira organizada, Arendt afirma que as limitações que antes eram impostas nas formas tradicionais de mentira foram abolidas. A mentira na política era vista, como dissemos antes, como uma forma de iludir apenas um determinado inimigo político, sua falsificação geralmente era dirigida a um determinado aspecto do fato ou do evento, ou seja, não tinha a intensão de modificar todo o contexto histórico envolvido. Dessa forma, a autora admite que um bom historiador possuía as ferramentas para encontrar as contradições, visto que a maior parte das circunstâncias históricas tinham sido preservadas. Outro ponto que ela destaca

<sup>9</sup> Não precisamos pensar em Trotsky, como lembrou Arendt. Nossas experiências políticas mais recentes nos mostram como é perigoso falar a verdade. Podemos lembrar de Marielle Franco, vereadora, socióloga e ativista preta, que foi morta por afirmar uma das *verdades fatuais* mais duras que enfrentamos nos nossos tempos, o fato de Brasil ser um dos países que mais mata mulheres e homens pretos.

é referente ao fato de a mentira ser manipulada apenas por certos agentes políticos, que se valiam dela em circunstâncias específicas e não se deixavam iludir por elas, isto é, sabiam desfazer a falsidade quando era necessário. A preocupação que paira, portanto, diz respeito à supressão dos limites. Ao pretender modificar todas as circunstâncias nas quais o fato ou evento ocorreu, a mais grave consequência pode ser a perda da própria realidade ou a sua total transformação.

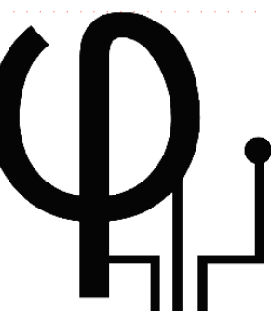
Sobre o assunto, Bernstein sintetiza:

Uma nova forma de mentira surgiu nos tempos recentes. É o que Arendt chama de “fabricação de imagens”, em que a verdade factual é descartada se não se ajusta à imagem. A imagem se torna um substituto para a realidade. Todas essas mentiras abrigam um elemento de violência: a mentira organizada sempre tende a destruir tudo aquilo que ela decide negar. A diferença entre a mentira política tradicional e a mentira moderna é a diferença em esconder algo e destruí-lo (BERNSTEIN, 2021, p. 92).

Todavia, a própria autora reconhece a dificuldade em tal empreendimento, visto que para uma transformação radical da realidade, dos fatos e dos eventos históricos é necessário mais que uma mentira, mas a modificação de tudo aquilo que garantiria o seu contrário; e não estamos falando apenas de documentos e arquivos históricos, mas, também, de testemunhas. Dessa forma, a impossibilidade de modificar por completo as *verdades fatuais* têm como decorrência “uma curiosa espécie de cinismo – uma absoluta recusa a acreditar na verdade de qualquer coisa, por mais bem estabelecida que ela possa ser” (ARENDR, 2016b, p. 317). Sobre uma possível solução ao problema, Arendt possui uma opinião um tanto esperançosa. Para ela, o caráter contingente das *verdades fatuais* sempre deixará um espaço para que as mentiras sejam disseminadas, contudo a falta de limites para a sua aparição e propagação é o que garante a sua queda, pois,

Só o mentiroso ocasional achará possível aferrar-se a uma falsidade determinada com coerência inabalável; aqueles que ajustam as imagens e estórias às circunstâncias em mudança permanente se verão flutuando sobre o largo horizonte da potencialidade, à deriva, de uma possibilidade para a outra, incapazes de sustentar qualquer de suas próprias invenções (ARENDR, 2016b, p. 318).

As nossas experiências mais recentes com a propagação de mentiras de toda ordem relacionadas à pandemia de *COVID-19* exemplificam precisamente esse caráter contingente da verdade fatural e do seu oposto que é a falsidade deliberada. Não obstante,



revelam, também, o caráter de “*estar-aí*”, que Arendt nos mostrou ser, igualmente, uma das características constituintes das *verdades fatuais*. Em outras palavras, mesmo que um grupo de pessoas tenham mais êxito em falsear uma verdade, dando mais sentido a afirmação proferida, seja por ela ser mais convincente do que a realidade ou por estar mais de acordo aos desejos particulares do que a verdade em si mesma, o fato – ao contrário da mentira, que pode ter várias versões – possui a estabilidade de ser o que é, mesmo que podendo ser diferente. Vejamos discriminadamente como isso está ocorrendo em nossa atualidade.

### 3 O FENÔMENO DAS FAKE NEWS: A VERDADE E A MENTIRA NO COMBATE À PANDEMIA DE COVID-19

Como pudemos ver com Hannah Arendt, o problema da mentira na política e da mentira em massa não são novos. São adversidades que sempre estiveram presentes, principalmente no que diz respeito à prática política. Com Arendt, conseguimos distinguir a relação tradicional entre política e mentira e, também, a relação moderna entre essas duas categorias: a mentira deixa de ser designada a um inimigo político específico e passa a integrar grande parte da sociedade e, até mesmo, sua totalidade, como foi o caso nos regimes totalitários do século XX. Em nossa época, uma nova forma de mentira vem se consolidando na política e nas relações interpessoais: as chamadas *fake news*.

Em artigo especializado, Marco Antônio Alves e Emanuella Maciel buscaram compreender o fenômeno da *fake news* levando em consideração o seu contexto de surgimento bem como as definições mais comumente associadas a esta expressão. Em linhas gerais, eles definem que as *fake news* surgiram no contexto de uma rápida propagação de informações em um mundo altamente globalizado e conectado, em decorrência, principalmente, do crescente avanço das tecnologias e o rápido desenvolvimento das mídias sociais. Todavia, como vimos anteriormente, as mentiras e as informações falsas não são fenômenos novos. A originalidade concernente às *fake news* é decorrente, segundo os autores, do seu rápido desenvolvimento e propagação – do fato de qualquer indivíduo com acesso a internet poder criar e disseminar informações falsas – e se vincula, sobretudo, ao seu alcance, uma vez que grande parte do globo possui atualmente acesso à internet.

De acordo com os autores de *O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto*, a expressão *fake news* despontou em 2016 principalmente em decorrência de dois eventos políticos de grande repercussão: as eleições presidenciais nos EUA em que se elegeu o

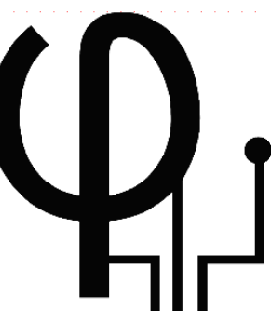
candidato republicano Donald Trump, e o então chamado Brexit (a saída do Reino Unido da União Europeia). No Brasil, as *fake news* ganharam força, em especial, com as manifestações de 2016 que culminaram no impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Em 2018, as *fake news*, como dissemos em nossa introdução, se intensificaram com o processo eleitoral e a disputa fervorosa entre dois candidatos de vertentes políticas completamente opostas. Nesse sentido, as *fake news*, como apontam Marco Antônio Alves e Emanuella Maciel, surgem em um contexto de guerra.

Eles argumentam:

[...] as *fake news* não envolvem necessariamente uma ação dolosa, um ato consciente de deturpação da realidade e de enganação. Trata-se de uma ação engajada em uma guerra, uma informação que é consumida, produzida e compartilhada em razão da função que desempenha no combate, corroborando determinada narrativa ou enfraquecendo a narrativa inimiga (ALVES e MACIEL, 2020, p. 153).

A política tanto no Brasil como mundialmente se encontra em uma condição de grande polarização, fazendo o conflito ultrapassar o campo de disputa eleitoral, entre partidos e candidatos políticos, atingindo toda uma sociedade, que se encontra dividida por meio de ideologias antagonistas. Essa condição de disputa na sociedade como um todo propicia que seus indivíduos sejam persuadidos por meio da proliferação de informações que tenham como objetivo fazer valer não a verdade em si mesma, mas os argumentos que ensejam o sucesso de sua argumentação e o insucesso do “outro”. Em outras palavras, em um cenário de grande polarização política não há preocupação em conferir se a informação disseminada é íntegra, o importante é ela estar de acordo com o desejo individual ou a posição que o sujeito ou o grupo se encontra. Como vimos com Hannah Arendt, estamos vivendo em uma época de fabricação de imagens, e tudo aquilo que não corresponde a imagem criada é descartável, inclusive a verdade dos fatos.

Em artigo recentemente publicado no livro *Democracia e representação*, Marco Antônio Alves chama atenção para o fenômeno político do “*nós contra eles*”, afirmando que o sentido de política como o discurso capaz de construir acordos – isto é, a capacidade em deliberar o melhor modo de compartilhamento intersubjetivo do mundo comum – deixa de existir. O que resta da ação política e do âmbito público é, contrariamente, uma espécie de “antipolítica, na medida em que alimenta a separação e a guerra, naturalizando a violência e submetendo as instituições republicanas a um severo teste de sobrevivência” (MACIEL, 2021, p. 179). Nesse sentido, as *fake news* não são apenas mais uma forma de falsidade



deliberada, elas surgem num contexto de guerra, como um instrumento utilizado não somente para enganar o inimigo, mas para alimentar a própria polarização política, a qual propiciou o seu surgimento e rápido desenvolvimento.

Vimos com Arendt que é mais fácil convencer uma massa de pessoas com mentiras do que necessariamente com a verdade. Pois a mentira pode se moldar por uma realidade que os indivíduos desejam e anseiam; a mentira também é capaz de se adaptar àquela realidade que possui maior coerência para os indivíduos por estar de acordo, por exemplo, com a sua percepção sensorial, como é o caso dos “terraplanistas” que continuam acreditando que a terra é plana, pois, seus olhos a enxergam assim. A verdade, por outro lado, muitas vezes pode entrar em contradição com nossos interesses pessoais e até mesmo ser de difícil compreensão e aceitação, visto poder contrariar nossas crenças, convicções e até mesmo nossos modos de vida. Tendo isso em consideração, gostaríamos de chamar atenção para dois aspectos importantes que podem ser visualizados com bastante clareza se considerarmos o atual momento pandêmico que estamos vivendo.

O primeiro é referente à ocasião em que uma *verdade fatual* contraria os interesses de algum grupo. Este ano, a jornalista Samira Shackle escreveu uma matéria para o jornal britânico *The Guardian* sob o título “*Who are the people who have come to follow wild conspiracy theories about Covid-19?*”, onde acompanhou a rotina de algumas pessoas durante a pandemia. Ela contou a história de Anna, uma mulher que foi drasticamente abalada pela pandemia. Convencida de que a mídia tradicional e as fontes oficiais estavam ocultando informações ou fornecendo notícias distorcidas, Anna começou a procurar e a acreditar em informações acerca do vírus em mídias alternativas e, também, através das redes sociais. Muitas dessas notícias não possuíam procedência confiável, não eram de mídias oficiais e, mesmo assim, passavam mais credibilidade a seu público justamente por negar algo que todos queriam realmente que fosse um embuste.

Em sua reportagem, Samira Shackle afirma que muitas pessoas que estavam revoltadas com as consequências da pandemia – principalmente aqueles que tiveram que encerrar as suas atividades comerciais como Ana, que teve que fechar as portas de seu estúdio de tatuagem – começaram a acreditar e a difundir notícias falsas acerca do vírus. Muitos, inclusive, passaram a negar a existência do vírus e difundir várias teorias da conspiração, manipulando informações e falseando pesquisas e resultados oficiais. O mais impactante, segundo a matéria, foi o resultado político e social da negação do vírus. Impulsionados pelas notícias falsas, vários negacionistas da pandemia agiram de forma violenta, retirando parentes dos hospitais, desobedecendo as medidas de proteção como uso de máscaras e distanciamento social,

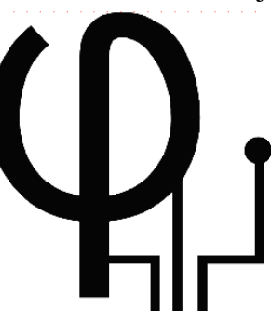
contestando a eficácia da vacina e, até mesmo, se recusando a tomá-la. O que fica evidenciado é a disposição em rejeitar uma *verdade fatual* quando ela por algum motivo perturba os interesses privados ou de algum grupo, como, por exemplo, os comerciantes que tiveram que fechar suas portas. Richard Bernstein chama atenção para a forma como um político mal-intencionado pode explorar uma situação de vulnerabilidade social para incutir na população uma falsidade.

Ele afirma:

As pessoas que sentem que têm sido negligenciadas e esquecidas anseiam por uma narrativa que dê sentido para a angústia e a miséria que estão experienciando – uma narrativa que prometa redenção para os seus problemas. Em tal situação, um líder autoritário pode explorar a angústia que as pessoas estão vivenciando e conseguir borrar a distinção entre mentiras e realidade. [...] Uma estória fictícia apelativa pode ser infalível contra a verdade factual, a realidade ou o argumento (BERNSTEIN, 2021, p. 91).

No Brasil, muitos políticos e empresários difundiram mentiras acerca do vírus para justificar a abertura dos comércios, garantir a ordem na economia e, além disso, beneficiar indústrias farmacêuticas. Uma das inverdades de maior circulação foi referente às pesquisas não científicas, que afirmavam a eficácia dos remédios hidroxicloroquina e ivermectina; alguns meses depois foi descoberto que tais medicamentos tiveram um aumento desmedido em suas vendas, o que beneficiou diretamente aqueles que propagaram de forma irresponsável o seu uso. Não é difícil inferir que indivíduos que foram forçados a encerrarem suas atividades comerciais talvez tenham mais propensão a acreditar que o tratamento precoce com remédios milagrosos e acessíveis seja mais eficiente que medidas como *lockdown* e distanciamento social, pois, como vimos com Arendt, o poder da mentira é afirmar a realidade que os indivíduos desejam, modificando e transformando aquilo que não é benéfico aos interesses individuais ou de algum grupo.

O segundo ponto que nossa experiência mais recente nos mostra é com relação ao modo como a *verdade fatual* é afirmada como opinião. Como dissemos antes, aqueles que mentem, mas não conseguem sustentar a mentira a partir de evidências que comprovem a *verdade fatual* que estão alegando tendem a converter suas falas em *opinião*. E, indo além, tendem a afirmar que as *verdades fatuais* que não os satisfazem redundam em opiniões. Que o fato de termos hoje mais de meio milhão de mortes apenas no Brasil por *COVID-19* – segundo especialistas, em números provavelmente subnotificados – é uma questão de ponto de vista; que difundir o tratamento precoce (tratamento não comprovado cientificamente e que pode, inclusive,





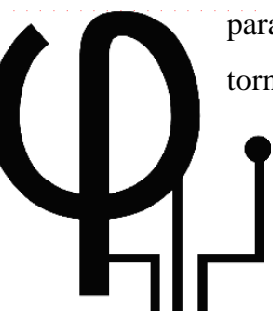
levar a óbito aqueles que o seguem) não é ilegal, mas uma questão de liberdade de expressão e opinião. Isto é, você até pode emitir a *verdade fatural*, mas no momento que ela seja malvista, é automaticamente reduzida à opinião.

Por conseguinte, a opinião perde aqui o seu significado político essencial, qual seja: o modo imprescindível de correspondência entre os indivíduos. A *opinião*, portanto, deixa de ser um recurso capaz de fazer os indivíduos se relacionarem intersubjetivamente através do discurso – o ouvir a opinião do outro e poder emitir a sua no âmbito público, a fim de chegarem a um acordo e ao bem comum, é também uma das definições, talvez a mais importante, da política –, passando a se comportar como um elemento que justifica o seu oposto, isto é, o cancelamento do discurso. Ao transformar a verdade dos fatos, principalmente aqueles que são tidos como inconvenientes, em mera opinião, pretende-se pôr fim ao debate, ao invés de estimulá-lo. Como Arendt evidenciou, é do interesse do contador de mentiras obscurecer e até mesmo destruir a linha que separa a *verdade fatural* e a *opinião*, pois caso não consiga de forma argumentativa e coercitiva defender a sua mentira como verdade, ele a transforma em opinião e finda a discussão.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, podemos depreender que as nossas experiências mais recentes comprovam o quão atual e relevante continua sendo o pensamento de Hannah Arendt no que diz respeito à política e às relações humanas. Não é sem razão que nos últimos anos muitos pesquisadores passaram a relacionar a sua teoria política com os acontecimentos políticos recentes, justificando a sua atualidade, como é o caso de Richard Bernstein que, como vimos, publicou em 2018 uma obra que comprova a relevância do pensamento arendtiano para discutir questões da política mundial hoje. Nesse sentido, o artigo *Verdade e política*, que foi o nosso principal objeto de análise, vem sendo utilizado como uma das principais fontes de pesquisa, principalmente no que diz respeito às *fake news*.

Sendo assim, o propósito deste artigo foi, primeiramente, investigar, à luz do pensamento de Hannah Arendt, as principais diferenças entre a *verdade fatural* e a *verdade racional* para, então, poder compreender a oposição entre *verdade* e *opinião*, tão necessária para a excelência do âmbito público. A última parte do trabalho foi referente às discussões em torno do atual momento político enfrentado pelo mundo devido à pandemia de *COVID-19*,

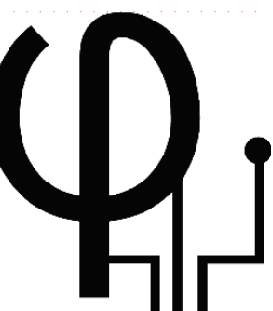


contexto no qual tentamos analisar, com base na teoria arendtiana, o fenômeno das *fake news* e sua influência em momentos de crise.

Assim, no que diz respeito aos tempos hodiernos, podemos concluir que, por mais perturbadoras que sejam as *fake news* acerca da pandemia de *COVID-19*, o fato é que não houve manifestações expressivas contra as medidas preventivas dos Estados. Uma pesquisa do *YouGov-Cambridge Globalism Project* em colaboração com a *Revista The Guardian* apresenta um número considerável de pessoas em diversos países pelo mundo que acreditaram em alguma mentira envolvendo a pandemia de *COVID-19*, mas por mais significativo que sejam os números, eles ainda estão longe de constituir uma maioria. Como em grande parte dos seus textos, Hannah Arendt não tem a pretensão de solucionar as questões de que trata, embora ela tenha dado a entender que, por mais preocupante que seja a questão da mentira moderna na política – a fabricação de imagem que objetiva a transformação do mundo e da realidade –, ela própria cria as ferramentas para o seu combate.

À vista disso, não podemos afirmar com justeza que isso é decorrente dos efeitos que a mentira organizada tem, isto é, o fato de ela ser incapaz de se sustentar por muito tempo ou da feliz peripécia, involuntária, de conferir ao contador de verdades o poder de ação e resistência. Decerto, podemos inferir se isto não é consequência da sobrecarga de informação criada e difundida a todo momento. Segundo Marco Antônio Alves e Emanuella Maciel, as *fake news surgem* em um universo de sobrecarga de informação, onde “a quantidade de informação que um indivíduo recebe supera sua capacidade de processá-la” (ALVES e MACIEL, 2020, p. 149), o que nos faz suspeitar que a própria rapidez com que as imagens são fabricadas possam ser, também, um empecilho para a sua receptividade, visto que uma mentira é produzida e levada à discussão com a mesma rapidez que a sua informação contrária.

Assim, no que diz respeito às *fake news*, podemos perceber que os próprios meios que propiciaram o seu surgimento – a internet, sobretudo, as redes sociais – também ajudam a resistir a elas, buscando ferramentas que possam alertar os seus usuários de que aquela notícia é uma falsidade. As instituições estão, igualmente, criando seus dispositivos de controle e fiscalização referentes às novas tecnologias e mídias digitais. Não menos importante, embora possamos perceber o desenvolvimento e a criação de novos dispositivos para a disseminação da mentira na política, a falsidade deliberada só é uma realidade enquanto existir uma massa de pessoas comprometidas com a verdade; e esta dialética é o que permite Arendt afirmar com bastante confiança que a verdade é “o solo sobre o qual nos colocamos de pé e o céu que se estende acima de nós” (ARENDR, 2016b, p. 325).



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Cecília Pedreira de. *Democracia e Intolerâncias: uma análise das relações entre verdade e política em Hannah Arendt*. In: *Democracia e Representação: Limites e Horizontes*. Organizadores: Luiz Paulo Rouanet, Marco Antônio Sousa Alves e Maria Cecília Pedreira de Almeida. Belo Horizonte: Editora Expert, 2021.
- ALVES, Marco Antônio Sousa. *A política do nós contra eles: a democracia em risco na contemporaneidade*. In: *Democracia e Representação: Limites e Horizontes*. Organizadores: Luiz Paulo Rouanet, Marco Antônio Sousa Alves e Maria Cecília Pedreira de Almeida. Belo Horizonte: Editora Expert, 2021.
- ALVES, Marco Antônio Sousa; MACIEL, Emanuella Ribeiro Halfeld. *O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto*. Revista Internet e sociedade. n. 1, v. 1, páginas 144 a 171, janeiro/2020.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 12ª edição 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: editora Forense Universitária, 2015.
- ARENDT, Hannah. *A Promessa da política*. Organização e introdução: Jerome Kohn. Tradução: Pedro Jorgensen Jr. Revisão técnica: Eduardo Jardim. 6ª edição. Rio de Janeiro: Difel, 2016a.
- ARENDT, Hannah. *Lições sobre a filosofia política de Kant*. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- ARENDT, Hannah. *Sobre a humanidade em tempos sombrios*. In: *Homens em tempos sombrios*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- ARENDT, Hannah. *Verdade e política*. In: *Entre o passado e o futuro*. 8ª edição a reimpressão. São Paulo: perspectiva, 2016b.
- BERNSTEIN, R. *Why Read Hannah Arendt Now?* Cambridge: Polity Press. 2018.
- BERNSTEIN, R. *Por que ler Hannah Arendt Hoje?* Tradução e apresentação de Adriano Correia e Nádia Junqueira Ribeiro. 1ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2021.
- DOURADO, Tatiana Maria Silva Galvão. *Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil*. Tese (Doutorado em comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2020.
- Shackle, Samira. *Who are the people who have come to follow wild conspiracy theories about Covid-19?* The Guardian. Londres. 08 de abril de 2021. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/news/2021/apr/08/among-covid-sceptics-we-are-being-manipulated-anti-lockdown>>.

